

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?**  
**- LIBERDADE**  
**24 de Junho de 2024**

**SOSIALISMI / 2014**  
**(“Socialismo”)**

*Um filme de Peter von Bagh*

Realização e Argumento: Peter von Bagh / Fotografia: Arto Kaivando / Som: Martti Turunen / Montagem Petter Evitampi.

Produção: Aamunkoi Productions / Produtor: Peter von Bagh / Cópia digital de alta definição, cor e preto e branco, legendada electronicamente em português / Duração 68 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

*“Percebi a pouco e pouco que a essência do meu tema estaria nos brilhantes filmes feitos há muito tempo: um testemunho objectivo, talvez não da verdade nem do que realmente aconteceu, mas das ilusões e esperanças, e onde se encontra algo de mais profundo do que os acontecimentos ou a ‘história’”. É uma citação de Peter von Bagh, contida numa das últimas entrevistas que concedeu (à revista *Cinema Scope*), a propósito do último filme que realizou, este **Sosialismi** que hoje vamos ver. A frase – von Bagh não foi apenas um homem de “imagens”, era também um homem de “palavras” e um escritor compulsivo e brilhante – resume na perfeição o espírito deste seu olhar sobre o socialismo histórico a partir do cinema, ideias “geminadas” (o socialismo e o cinema) logo num dos primeiros planos, quando as imagens do filme inaugural dos Lumière (a **Sortie de l’Usine Lumière à Lyon**, em 1895) nos vêm lembrar que também o cinema começou por mostrar operários e fábricas, e que tal como as ideias socialistas se tratou de um produto derivado, sine qua non, da industrialização do século XIX. Para a descrição do espírito do filme ficar completa, recorreríamos a outra frase de von Bagh, esta incluída na narração “off” de **Sosialismi**, quando o autor comenta a eufórica propaganda “agrícola” soviética (no caso, um daqueles “épicos de kholkoze” de que Ivan Pyriev foi um especialista): “talvez o primeiro dever das imagens seja o de produzir prazer”. Num certo sentido, a frase podia comentar também o filme que von Bagh fez, que é tudo o que já foi dito mais o prazer, poético, melancólico, formal, material, que suscita.*

Poesia e melancolia, acima de tudo. A abordagem de von Bagh à História não parte de uma posição de ensaísta – embora **Sosialismi**, a ser “catalogado”, pudesse, e devesse, ser catalogado como ensaio, como ensaio filmado – nem de observador distanciado ou desafectado. A sua simpatia com as ideias socialistas – “esse belo nome: socialismo”, quantos, neste século XXI “sem alternativa”, seriam capazes de escrever esta frase?... – está implícita, e por vezes explícita, ao longo do filme. O tom é elegíaco e bate constantemente num ponto que mais uma vez aproxima socialismo e cinema: o sonho.

Se o cinema é “como um sonho” (e foi um “sonho” do século XX), é como “sonho”, sem esquecer os pesadelos (os que se abateram sobre o socialismo e os que o socialismo gerou), que von Bagh aborda esta pequena história das ideias socialistas.

Em imagens de todo o tipo – do cinema de ficção ao cinema documental, das imagens de actualidades históricas às imagens de propaganda, propaganda essa onde, como a certa altura se diz, talvez tenha sido o único sítio onde o “verdadeiro socialismo realmente existiu”, assim criando outra ponte com o cinema, veículo e garante de uma plena construção utópica. Mas também imagens extra-cinema, da pintura à fotografia, e outros elementos, como as múltiplas citações que vêm introduzir cada um dos 18 capítulos que estruturam o filme (a começar por Chekhov, como que a lembrar a “doçura dos dias antes da revolução” que mais tarde aparecerá na frase de Talleyrand), ou as citações (frequentemente de autores finlandeses) que são puxadas e incluídas no comentário “off”, sem esquecer ainda as muitas canções, do **Temps des Cerises** a clássicos do “crooning” passando, naturalmente, pela Internacional, que pontuam a banda sonora. O cinema de von Bagh, com poucas excepções, foi sempre um cinema de “montagem” no sentido mais lato (e, porque não, godardiano) do termo, de jogos de aproximações e justaposições entre elementos organicamente distintos. **Socialismi** será um dos exemplos mais fortes, mais exaltantes, mais perfeitos, dessa prática.

É um trabalho de memória, evidentemente, um trabalho feito contra a rasura do “sonho”, tão mais comovente por vir de um tempo em que, como diria o outro, “the dream is over”. Contra a rasura funcionam, por exemplo, as sequências em que von Bagh se interroga sobre a violência que desde sempre recaiu sobre o socialismo, da Comuna de Paris ao Vietname passando por Guernica. Ou a evocação daqueles momentos em que, do coração do “capitalismo cinematográfico” mundial, Hollywood, saíram, e pela mão de cineastas conservadores como Griffith ou John Ford, alguns dos filmes mais socialmente empenhados de que há memória. A este respeito, e em termos de um discurso sobre o cinema contido em **Socialismi**, diríamos que ele se refere – outro “sonho”, outra “elegia” – ao tempo em que mesmo a maior e mais industrial produção “escapista” nascia e crescia com os pés enfiados na realidade, em compromisso com os homens e as mulheres reais que realmente viviam vidas reais em sítios reais e num tempo real.

Nada disto impede a lucidez e a frieza, esta última normalmente servida recorrendo a um humor ácido e triste – como a sequência que aborda a morte e as exéquias fúnebres de Estaline. Ou o “arrepio” quando, por entre outros “e se?”, von Bagh se pergunta o que teria acontecido se a URSS e a China se tivessem verdadeiramente aliado e colaborado. É um filme demasiado inteligente para ser apenas “romântico”. Mas que diz que – como no final, com as imagens do **Borinage** de Ivens e Storck e as velhotas de punho erguido – “isto” existiu mesmo, e que graças ao cinema nunca será só uma ficção.

Luís Miguel Oliveira